Eixo 1: Práticas de inclusão escolar nos diferentes níveis e modalidades de ensino
Relato de experiência

Relato de experiência exitosa com estudante com deficiência visual na Olímpiada de Matemática das Instituições Federais

Patricia Zutião

IF BAIANO - *Campus* Serrinha
Possui Graduação em Licenciatura, Mestrado e Doutorado em Educação Especial pela UFSCar. Atualmente é Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, Membro do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas no Instituto Federal Baiano (IF Baiano) - Campus Serrinha e Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar - GPEEPED. E-mail: patricia.zutiao@gmail.com

Tatiane Tagino Comin

IF BAIANO - Campus Serrinha
Doutora em Engenharia Química pela Universidade Federal de São Carlos (2016), onde graduou-se em Licenciatura Plena em Química (2009) e concluiu o Mestrado em Engenharia Química (2012). Possui também Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Metropolitana de Santos (2011) e Especialização em Ensino de Matemática pelo Centro Universitário Claretiano (2013). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) da área de Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Serrinha. E-mail: tatiane.comin@ifbaiano.edu.br

Resumo: A inclusão escolar é garantida na legislação brasileira, de forma que os estudantes da educação especial não tenham somente acesso à escola, mas permaneçam e participem de todas as atividades com êxito. Partindo dessa premissa, este relato de experiência vem demonstrar uma experiência exitosa com um estudante com deficiência visual, na Olímpiada de Matemática das Instituições Federais – OMIF. O estudante é do curso de Ensino Médio Integrado em Agroecologia, do Instituto Federal Baiano – Campus Serrinha e, participou da OMIF no ano de 2020. Por meio dele, foi provocada a necessidade de adaptações curriculares na prova. O estudante participou de projeto de ensino, contando com adaptações das atividades e, fez a prova com auxílio de ledor e transcritor. Como resultados, temos a medalha de prata para o estudante, a criação da comissão de acessibilidade na OMIF e, o aumento da participação de estudantes da educação especial na olimpíada.

Palavras-chave: Inclusão Escolar, Deficiência Visual, Olimpíada de Matemática, Acessibilidade.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar vem sendo discutida e é garantida em lei desde a Constituição Federal (BRASIL, 1988). Desde então, vem sendo estudada e melhorada no Brasil, tendo como marco, a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, que instituiu o Estatuto da Pessoa com

Deficiência (BRASIL, 2015).

Atualmente, pensar em inclusão escolar, não é e nem deve ser, só sobre o acesso dos estudantes da educação especial às escolas comuns. É de suma importância ir além e, garantir além do acesso, que o estudante participe ativamente e com êxito de todas as atividades (BRASIL, 2008; BRASIL, 2015). Para que a participação seja possível, em alguns casos, é necessário realizar adaptações curriculares, sejam elas de pequeno ou grande porte. As adaptações curriculares devem ser realizadas levando em consideração as especificidades do estudante, realizando avaliação do caso. O planejamento dessas adaptações deve ser feito, sempre que possível, por meio da equipe multidisciplinar, incluindo principalmente os docentes (sala comum e educação especial), estudante e família (BRASIL, 2000a; BRASIL, 2000b).

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano há grande preocupação com a inclusão e acessibilidade para os estudantes da educação especial. Todos os campus possuem docente de Atendimento Educacional Especializado – AEE, o qual realiza atendimentos individuais e em grupo; ensino colaborativo e; auxílio/formação aos servidores. Assim, em todas as atividades, todos os estudantes são convidados e, recebem preparo e adaptações necessárias para participarem com êxito.

Com base nisso, este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência exitosa com um estudante com deficiência visual na Olimpíada de Matemática das Instituições Federais. Acredita-se que é de suma importância relatar as experiências exitosas que se tem/teve dentro da escola, principalmente aquelas que envolvem diretamente a inclusão escolar, pois essas podem ser base para outras realidades e contextos. Portanto, se espera que este relato auxilie outras instituições e olimpíadas, na adaptação das provas e atividades para estudantes com deficiência visual.

CONTEXTUALIZAÇÃO

No ano de 2020, em meio a pandemia da Covid-19, a docente de matemática, do IF Baiano – Campus Serrinha, ao ser convidada para a Olimpíada de Matemática das Instituições Federais – OMIF de 2020, encaminhou o convite para todos os estudantes. Um estudante

com deficiência visual – baixa visão, da turma do primeiro ano do ensino médio integrado em Agroecologia, manifestou interesse. Visando garantir a participação exitosa e as adaptações necessárias, a docente supracitada entrou em contato com a comissão da OMIF. A comissão até aquele momento, nunca havia adaptado nenhuma das provas, tendo em vista que nunca souberam de estudantes que necessitavam. Assim, chamam a docente para auxiliar na comissão, a qual convida também a docente de Atendimento Educacional Especializado de seu campus.

A docente de matemática, para auxiliar os estudantes inscritos na OMIF, promove um projeto de ensino, para revisão de conteúdos de matemática. De forma colaborativa, as docentes de matemática (sala comum) e do AEE, fazem adaptações para o estudante durante o projeto e para aplicação da prova. É sobre essas adaptações, o resultado do estudante e, as melhorias que, por meio da participação dele foram feitas na OMIF que versa este relato.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Conforme destacado no tópico anterior, vamos relatar as experiências vivenciadas na participação do estudante com deficiência visual – baixa visão, em sua participação da OMIF 2020.

Por meio da parceria entre docente de AEE e docente de matemática (sala comum), as atividades realizadas no projeto de ensino foram adaptadas. Os slides utilizados eram entregues impressos ao estudante, com fonte ampliada, tamanho 26, fundo branco e letras em cor preta. O estudante tem baixa visão e, no momento do projeto de ensino e aplicação da prova, tinha 15% da visão no olho esquerdo, apresentando perda progressiva, a partir deste momento, o denominaremos com J. Portanto, para realizar essa adaptação, além das docentes, o estudante foi consultado e, disse que atenderia suas especificidades os slides impressos.

O projeto de ensino contava também com encontros síncronos, abrangendo todos os estudantes que participariam da Olimpíada. O estudante J participou de todos os encontros ativamente, respondendo a docente de matemática e retirando suas dúvidas.

Quanto a prova, não houveram adaptações nas questões, ou seja, o estudante realizou

a mesma avaliação que os demais. Porém, com o auxílio da docente do AEE que, atuou como ledora, audiodescritora das imagens e, transcritora. A prova ocorreu de forma online, durante o ensino remoto, por meio do *Google Forms.* Assim, a docente enviava o enunciado e as alternativas em áudio para o estudante que, fazia os cálculos necessários e, retornava a docente com a resposta. A docente, por sua vez, anotava a resposta do estudante no formulário e enviava a próxima questão, até finalizar a prova. A aplicação durou cerca de 2 horas e meia. O estudante respondeu a todas as questões e, ao final ressaltou a importância do projeto da docente de matemática, pois ele ainda estava no primeiro ano e, a prova envolvia conteúdos de todo o ensino médio.

Algum tempo depois, o resultado da OMIF foi publicado e, o estudante J teve um excelente desempenho na avaliação, recebendo medalha de Prata. Além disso, obteve o melhor desempenho do campus Serrinha, que inscreveu estudantes de todas as séries do ensino médio. J é estudante destaque em sua sala e, planeja ao se formar, ingressar em universidade para estudar matemática.

A participação de J na OMIF não foi positiva apenas para ele e o campus Serrinha. Por meio dela, no ano seguinte foi criada a Comissão de Acessibilidade e Inclusão, a qual anualmente trabalha para garantir a participação com êxito de todos os estudantes da educação especial na olimpíada. Atualmente, conta com docentes da sala comum, docentes da educação especial e, tradutores/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. A OMIF hoje garante adaptações conforme as especificidades dos estudantes, como por exemplo, tradução/interpretação em Libras; podcasts e audiodescrição e; reserva de vagas para segunda fase e, para premiação com medalhas para os estudantes da educação especial.

CONCLUSÃO

Nota-se com a experiência relatada que, quando é garantido a participação, eliminando todo e qualquer tipo de barreira e, realizando as adaptações necessárias, a inclusão escolar é de fato colocada em prática e, as chances de obter êxito aumentam, conforme foi visto. A ideia inicial, era apenas garantir o direito de, um estudante, de um campus do IF Baiano,

localizado no interior da Bahia, participar na olimpíada, assim como todos os seus colegas. Mas, por meio de sua experiência, houve toda uma mobilização dentro do campus; na comissão da OMIF, que envolve servidores de todo país e; posteriormente, garantiu que todos os estudantes, do Brasil todo, pudessem ser contemplados com as adaptações necessárias, pensadas por uma comissão específica, criada a partir de sua demanda. Hoje, todo e qualquer estudante da educação especial que se inscrever na OMIF conta com esse apoio e com reserva de vagas, tudo de forma minuciosamente planejada.

Ressalta-se também a importância do ensino colaborativo, ou seja, da parceria entre o docente da sala comum e da educação especial. As trocas de experiências e conhecimentos entre esses dois agentes da educação, traz grandes benefícios para os estudantes da educação especial e, favorece a realização de adaptações curriculares, como visto nesse relato.

Assim, a experiência de J ensinou/ensina muita gente, de todas as partes do Brasil e, como bem dito por Paulo Freire “A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto Escola Viva garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola:** Alunos com necessidades educacionais especiais / Adaptações Curriculares de Pequeno Porte. Brasília: MEC/SEESP, 2000a.

BRASIL. **Projeto Escola Viva garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola:** Alunos com necessidades educacionais especiais / Adaptações Curriculares de Grande Porte. Brasília: MEC/SEESP, 2000b.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em 19 out. 2022.

BRASIL. **Lei n° 13.146** de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 19 out. 2022.